

JANEIRO - 2024

revista  
**mundos**  
escolar

FTD EDUCAÇÃO  
RUA RUI BARBOSA, 166  
BELA VISTA - SÃO PAULO  
CEP 01326-010  
WWW.FTD.COM.BR

Nº **19**

**FORMAÇÃO DOCENTE**

Socioemocional e práticas pedagógicas em foco

**DIVERSIDADE**

Educação antirracista para desconstruir preconceitos

**MEDIAÇÃO DE CONFLITOS**

Aceitar as diferenças e outras boas práticas em sala de aula

**TECNOLOGIAS  
DIGITAIS PARA  
APOIAR NOS DESAFIOS  
DA APRENDIZAGEM**

Como explorar as oportunidades e formar cidadãos para um futuro promissor

**FTD**  
educação

# CAMPANHA DEFEN

Promovendo a auto  
de crianças contra



A Campanha **Defenda-se** é uma série de vídeos que ajudam meninos e meninas a reconhecerem e se defenderem de agressores, em linguagem amigável. A Defesa da Infância, também conta com

SAIBA MAIS:



# ANHA DA-SE

defesa e a proteção  
a violência sexual.



de vídeos animados com histórias que  
eecer estratégias que dificultam a ação  
el. Desenvolvida pelo Centro Marista de  
n materiais formativos para os adultos.



CENTRO DE  
DEFESA DA INFÂNCIA

GRUPO MARISTA

**FTD**  
educação



## VEZ E VOZ

### AO DOCENTE

O que motiva os profissionais da educação a buscar novos conhecimentos?

Este é o segundo ano em que a equipe que organiza o evento de formação Jornada Pedagógica 2024, promovido pela FTD Educação, busca entender os anseios desses agentes e, assim, entregar uma ação *tailor made* – em outras palavras, feita sob medida ao que o público espera.

Como conseguir isso em uma rede educacional de proporções continentais? Por meio da escuta, com uma pesquisa detalhada junto à audiência segmentada.

Na edição n° 19 de **Mundo Escolar** serão explicados os bastidores desse estudo e, a partir daí, ampliados os temas que vão construir a Jornada Pedagógica, a primeira no formato híbrido desde a pandemia.

Na reportagem de capa, reflexões importantes sobre o momento, para se entender o amanhã, vindas da futurista e pesquisadora Martha Gabriel e de outras fontes ligadas à tecnologia na educação. "É fundamental um esforço extraordinário para transformar a resistência à mudança em pensamento crítico e análise de risco para escolher caminhos", pontua.

Exemplos práticos vão expor os desafios e os resultados da implementação de um tetramento racial e uma educação antirracista nas escolas. Há destaque, também, para os caminhos do ESG – como sair do conceitual para a transformação do cotidiano estudantil.

E mais: educação antirracista; ESG na prática; abordagem STEAM; e mediação de conflitos na escola também recebem destaque nas páginas internas.

Boa leitura.  
Equipe Educacional

# CONTEÚDO

P/ 6

## MUNDO DIGITAL, OS ESTUDANTES E O FUTURO DA EDUCAÇÃO

Como a aprendizagem e o ambiente são impactados pelas novas ferramentas tecnológicas – e mais: como acompanhar tantas e tão ágeis mudanças?

P/ 12

## A ANTIDISCIPLINARIDADE E OS CAMINHOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O uso da tecnologia e de conceitos educacionais modernos para uma educação mais livre e acolhedora

P/ 16

## ACEITAR DIFERENÇAS: OS ATORES NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Conduzir a gestão de conflitos em sala de aula passa pela atuação direta de professores, família e comunidade; prevenção ainda é o melhor a ser trabalhado

P/ 22

## ESG, MAS TAMBÉM COM “E” DE ESCOLA

As práticas de ESG encontrariam no ambiente escolar – seja educacional ou de gestão – terreno fértil para se desenvolver e trazer resultados?



P/ 28

P/ 28

## CAMINHOS E DESAFIOS NA BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Os esforços para contemplar a representatividade de negros e negras na História e a busca pelo reconhecimento do racismo estrutural nas instituições de ensino

P/ 33

## “PARECE QUE CORRI UMA MARATONA DESDE A MINHA ANTIGA REALIDADE”

Com abordagem social e também racial, instituto concede bolsas a estudantes em escolas de ponta e trabalha estratégias para pertencimento e motivação nesses ambientes

P/ 34

## PESQUISA REVELA QUE SAÚDE MENTAL AINDA PREOCUPA

Socioemocional do professor ainda é o assunto mais solicitado na pesquisa de preparação para a Jornada Pedagógica 2024, além de tecnologia e práticas do ensino

P/ 38

## GESTOR ESCOLAR DEVE LIDERAR NO CUIDADO ÀS EQUIPES

Escola é um espaço de construção coletiva. Bem-estar de todos deve prevalecer

P/ 40

## PRINCÍPIOS SOCIAIS EM PAUTA

Relatório de Sustentabilidade 2022 destaca os esforços históricos do Grupo Marista no ESG, com resultados em todas as áreas – em especial, no pilar “S” da sigla

P/ 44

## EXECUTAR INICIATIVAS QUE POSSAM SER MENSURADAS

CEO do Grupo Marista comenta os principais pilares ESG evidenciados no relatório

P/ 46

## STEAM: PROBLEMAS DA VIDA REAL NA SALA DE AULA

A busca por múltiplas soluções ajuda o estudante na cognição e no socioemocional: desafios são como implementar essa abordagem em todas as escolas

revista **MUNDO ESCOLAR**

### Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares

Roberta Campanini

Cintia Cristina Bagatin Lapa

Elaine Castello (Curadoria de Conteúdo)

Clayton Luiz Ferreira de Oliveira

Tammy Ingrid da Silva

Leidiane Dantas dos Santos

### Realização:

Editor:

Edimilson Cardial

Repórter:

Marcelo Daniel

Projeto Gráfico:

Victor Cezar Avi

Direção de arte e diagramação:

Débora de Bem

Gerente de publicidade:

Margarete Rios Silva



A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

### Impressão:

**FTD**  
educação

Gráfica e  
Logística

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156

Bela Vista - São Paulo

CEP 01326-010 - [www.ftd.com.br](http://www.ftd.com.br)

Participe da Pesquisa Mundo Escolar



Querido leitor, sua opinião é muito importante para a escolha dos temas da revista, escaneie o QR Code e responda algumas perguntas. É rápido e suas respostas são confidenciais.

Contamos com sua participação.

Martha Gabriel, futurista:  
Toda mudança no presente  
tem potencial de criar  
qualquer tipo de futuro

Profissional  
multidisciplinar,  
hoje tem olhos  
voltados para  
os novos rumos  
do trabalho e  
da educação

# MUNDO DIGITAL, OS ESTUDANTES E O FUTURO DA EDUCAÇÃO

Como a aprendizagem e o ambiente são impactados pelas novas ferramentas tecnológicas – e mais: como acompanhar tantas e tão ágeis mudanças?

A palavra tecnologia apareceu cedo na família de Martha Gabriel. Ainda eram os anos 1960 quando seus pais iniciaram uma empresa de automação.

O patriarca era um aficionado pelo conceito de os recursos tecnológicos serem a solução para os problemas e, quando ela tinha apenas 11 anos de idade, foi presenteadada com um kit para a montagem de um rádio, com seus transistores e componentes.

Esse foi só o começo de uma jornada que fez dela uma jovem engenheira pela Unicamp e, posteriormente, teve outras formações e títulos acadêmicos em áreas como marketing, design, artes e futurismo. Hoje é uma profissional multidisciplinar, autora de livros que refletem sobre o futuro das coisas e das profissões, além de uma disputada palestrante nacional e internacional.

Em uma era de proliferação dos podcasts como canais de distribuição de conteúdo, sua presen-

ça é frequente e suas falas são convertidas em excertos que se multiplicam pelas redes sociais – os chamados cortes. Isso se deve ao impacto dos *insights* produzidos pela futurista, que tratam do hoje, mas, ao mesmo tempo, jogam luz em como será o amanhã.

A convite da revista **Mundo Escolar**, a palestrante e escritora falou sobre tecnologias digitais na educação, inteligência artificial e caminhos para o futuro educacional no Brasil, diante de tantos novos recursos.

**O futurista tem o papel de enxergar e facilitar os processos e tendências que estão por vir na sociedade, como um todo. Do lugar que a senhora ocupa, o que pensa sobre o que está se desenhando nesse aspecto para a educação?**

Do ponto de vista do futurismo, sempre são considerados e traçados tanto os cenários bons quanto os ruins. Toda mudança no presente tem potencial de



criar qualquer tipo de futuro, por isso, a função de um futurista é auxiliar a enxergar esses desdobramentos, de forma que nos auxilie a escolher os futuros que queremos criar e evitar os que não desejamos. Nesse sentido, existem cenários possíveis extraordinários para a educação, como a *smart education*, totalmente centrada no estudante, dinâmica, adaptativa, híbrida, focada em suas necessidades específicas, competências, potencialidades etc. Isso só é possível com a utilização de dados, sensores, cloud, IA, entre outras.

### **Há uma face de risco nesse contexto?**

Por outro lado, essas mesmas tecnologias, quando não são bem implementadas ou utilizadas, podem trazer riscos de vulnerabilidade, segurança, manipulação e desigualdade. A tecnologia funciona sempre como um fator de amplificação, tanto do que é bom quanto do que é ruim. Portanto, para que aconteça o futuro que desejamos, e evitarmos os demais, é necessária muita ação humana no presente, em todo o ecossistema educacional, para

viabilizar a transformação na direção desejada.

**A partir da virada do século, com o advento tecnológico e da internet, passamos anos ouvindo críticas à resistência da inserção de novas ferramentas no processo tecnológico. Parece que a obsolescência sempre bateu à porta, em especial na educação básica. Passaram-se anos, novas tecnologias, pandemia etc. Você acredita que a educação ainda não desfruta de forma adequada de tudo aquilo que está sendo oferecido?**

Humanos e tecnologias evoluem em uma relação simbiótica desde as nossas origens, que, por sinal, se confundem. Seres humanos vêm criando tecnologias desde a idade da pedra, com a finalidade de melhorar a vida da espécie. No entanto, por mais complementares que sejam as naturezas de humanos e tecnologias, ampliando nossas possibilidades, elas são também distintas. Somos biologicamente configurados para valorizar mais a segurança do *status quo* do que o risco do progresso. Isso sempre foi assim, e a história nos ensina

**Os prompts de inteligência artificial podem tanto ajudar quanto prejudicar – depende do seu uso.**



A EDUCAÇÃO

BÁSICA DEVE

SE PREPARAR PARA

APRENDER A

NAVEGAR A INCERTEZA

E A USAR A TECNOLOGIA



como aconteceram as resistências em todas as transformações tecnológicas do passado. No entanto, a revolução tecnológica atual, do início deste século, não é como as demais – ela traz um ingrediente crítico que não estava presente nas anteriores, e que pode ser letal: a velocidade. Não temos tempo para esperar as coisas se encaixarem naturalmente – atingimos um grau de complexidade e poder tecnológico extraordinários, que se não forem incorporados rapidamente na humanidade podem criar colapsos significativos com o potencial de comprometer a nossa sustentabilidade futura.

**Como o segmento educacional pode lidar com essa complexidade?**

Para que isso não aconteça, é fundamental que a educação faça um esforço também extraordinário para transformar a resistência à mudança em pensamento crítico e análise de risco para escolher caminhos. Isso é um divisor de águas na mentalidade evolutiva humana, de resistir ao risco para calcular e escolher riscos. Isso é muito mais uma transformação dos seres humanos do que tecnológica. Não nos falta tecnologia. Nos falta indivíduos educados para navegar no mundo que emerge.

**O tema da inteligência artificial está em alta há alguns anos, mas em 2023 o grande assunto foi o ChatGPT. Como fica a questão do desenvolvimento do pensamento crítico na relação com essas plataformas? Esses prompts ajudam ou atrapalham nesse crescimento por parte dos professores e estudantes?**

Os prompts podem tanto ajudar quanto prejudicar, dependendo de como são usados. Uma comparação didática seria: um foguete ajuda ou atrapalha o desenvolvimento de uma pessoa? Se a pessoa souber pilotar um foguete, ela abre possibilidades inéditas para explorar domínios espetaculares e ampliar o seu mundo consideravelmente. Por outro lado, se ela tentar pilotar



sem ter conhecimento algum sobre foguetes, provavelmente não sairá do lugar ou, na pior das hipóteses, poderá causar um desastre com extensões que vão muito além de prejudicar a si própria. No caso da inteligência artificial acontece o mesmo – conforme a IA avança, uma pessoa com alto grau de educação, repertório, que sabe usar lógica, argumentação, retórica e vive pelos valores humanos tende a ter resultados extraordinários, ampliando sua inteligência, combinada com a IA, para patamares inimagináveis. No entanto, para aqueles que possuem baixo grau de educação e sem pensamento crítico, tecnologias poderosas podem ser desastrosas.

**Há uma frase marcante que a senhora disse em uma entrevista: "tenho mais medo da humanidade", quando questionada sobre o temor sobre os robôs. Recentemente, vimos casos internacionais e, infelizmente, também no Brasil de fotografias de nudez produzidas com ferramentas de IA causando graves consequências aos estudantes nos bancos escolares. É sobre esse tipo de uso que se referia ao proferir essa opinião?**

Sim, esse é um dos exemplos que surgem com a ascensão da IA e mostra claramente que quando aqueles que não possuem educação e ética passam a

ter acesso a tecnologias poderosas, ampliam o seu potencial de impacto negativo na sociedade. Por isso, a questão de educação, moral e ética é atualmente o assunto mais importante para o nosso futuro, pois com a IA estamos ampliando a inteligência no planeta, e inteligência sem humanidade tende a se tornar cruel. Imagine a assimetria de poder que aconteceria caso não tenhamos todos os humanos com o mesmo nível de acesso e capacidade de utilização do gigante potencial tecnológico que emerge rapidamente agora? Como nos lembra Stan Lee na sua obra: "Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades". A nossa responsabilidade nunca foi tão grande.

**Grau de educação,  
valores humanos e  
pensamento crítico  
são aliados das  
novas tecnologias.**



Na sua biografia, a senhora se classifica como uma “CDF”, sempre pronta a sentar nos bancos e fazer cursos e formações para aprender o que for necessário. Quando se fala em educação, principalmente na educação básica, estamos falando das etapas iniciais de forte contato com o aprendizado, diário, constante. Como enxerga essa fase da vida das pessoas aliada ao momento de inovação efervescente que estamos vivendo?

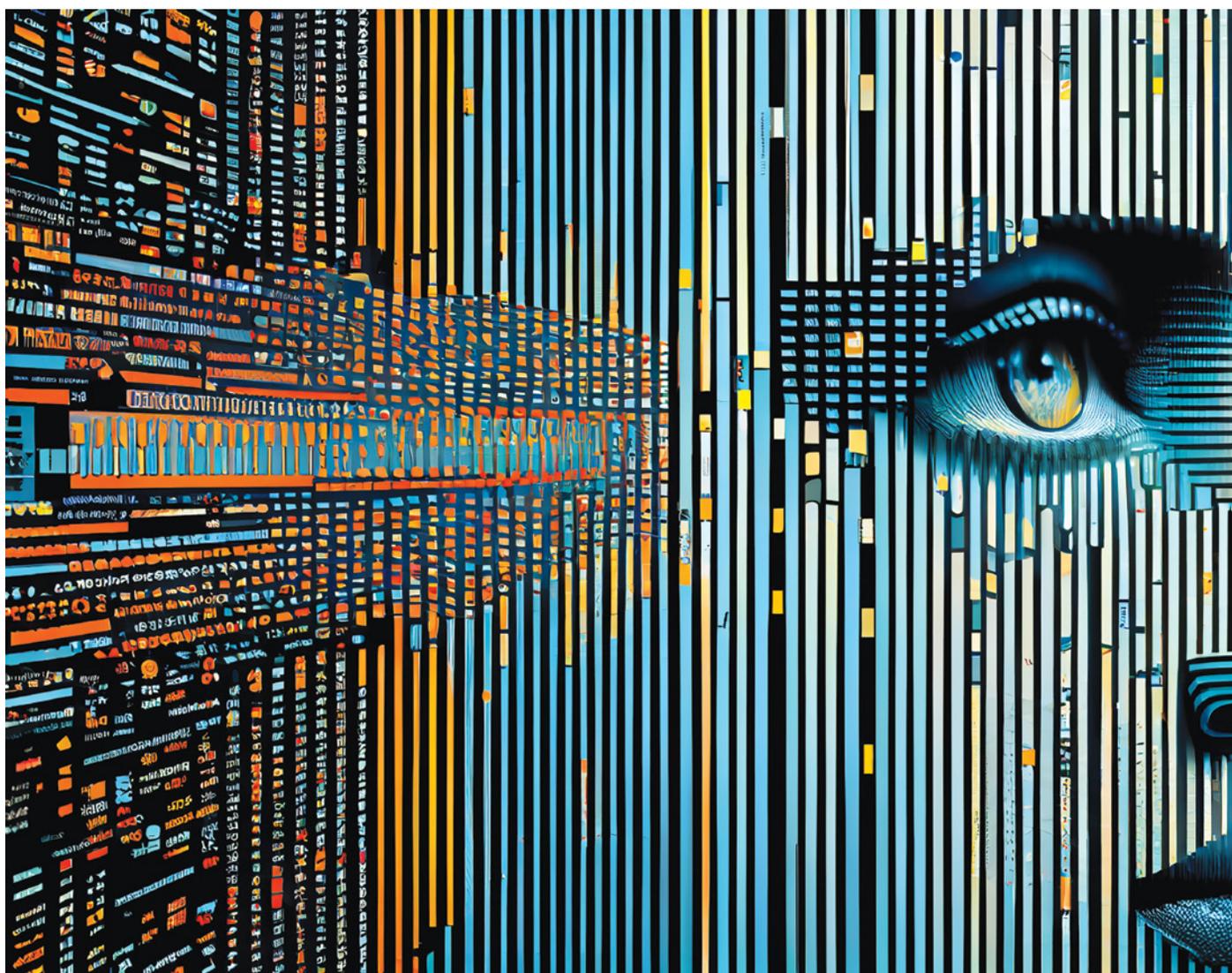
Na minha opinião, a educação básica é a fase mais importante da formação, pois ela lança a estrutura para todo o resto, influenciando não apenas o aprendizado e o desenvolvimento educacional, mas, principalmente, a vida como um todo. Nesse sentido e

considerando o ritmo acelerado de mudança, o nosso desafio na educação básica é conseguir criar uma fundação sólida que auxilie a viver em um mundo fluido. Nesse contexto, temos algumas certezas daqui para a frente: o futuro incerto; a tecnologia cada vez mais poderosa; a mudança constante. Em função disso, a educação básica passa a ter como objetivos preparar para esse cenário, para saber navegar a incerteza e usar a tecnologia. Para isso, as habilidades necessárias envolvem muito mais colaboração, criatividade, agilidade, resiliência, pensamento crítico e valores humanos do que era ensinado antes, acrescentando ainda estudos de futuros desde a mais tenra idade. Assim, acredito que precisamos aprender a nos preparar para antecipar sabendo analisar e calcular riscos tendo a tecnologia como aliada, e não para reagir repetindo o passado com mentalidade moldada por tecnologias antigas.

**“É fundamental que a educação faça um esforço também extraordinário para transformar a resistência à mudança em pensamento crítico e análise de risco para escolher caminhos.”**



# A ANTIDISCIPLINARIDADE E OS CAMINHOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



O uso da tecnologia e de conceitos educacionais modernos para uma educação mais livre e acolhedora

“

SE SENTIR

MAIOR DO QUE

AQUILO TUDO

QUE CABE DENTRO

DE UMA CAIXINHA

”



“Você já se sentiu uma fraude por não se encaixar em nenhuma área do conhecimento?” Essa é uma pergunta em tom de provocação que serve como abertura para um vídeo do pesquisador, palestrante e escritor especializado em tecnologias emergentes Diogo Cortiz.

Nesse conteúdo, ele explora o conceito de interdisciplinaridade, mas traz um tema que nem sempre encontra luz nas discussões acadêmicas do país: a antidiplinaridade.

“Significa se sentir maior do que aquilo tudo que cabe dentro de uma caixinha ou, ainda, uma pessoa com múltiplos interesses”, declara o docente, que é coordenador na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nas palavras do educador, se o prefixo *inter* representa a combinação de várias áreas do conhecimento, o *anti* não chega sequer a pensar na separação por disciplinas.

#### ESPÍRITO DO TEMPO

O conceito de espírito do tempo vem da expressão em alemão *Zeitgeist*, e representa o conjunto de ideias e de crenças que são definidoras de uma época. É uma forma de unificar características de um determinado período de tempo.

Para Cortiz, o surgimento de discussões sobre a antidiplinaridade nasce por conta desse momento vivenciado. Suas primeiras impressões partem do respeitado MIT Media Lab, laboratório de pesquisa vinculado ao Massachusetts Institute of Technology – em especial das pesquisas do então pesquisador do órgão, Joichi “Joi” Ito.

A própria formação do brasileiro já seguia essa tendência. Seus títulos entre graduação, MBA, mestrado e doutorado transitam em áreas como design, comunicação, ciências da computação, antropologia e economia internacional.



**“O todo é maior  
que a soma de  
suas partes.”**

“Ser um estudante ou profissional antidisciplinar traz benefícios e desafios; apesar de o mercado às vezes exigir talentos superespecializados, há espaço para quem consiga olhar as situações de outra forma, conectando pontos que outras pessoas não enxergam”, reflete.

### **ANTIDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA**

Cortiz fala de sentimentos de angústia relacionados à falta de uma identificação pelas áreas de conhecimento, mostra um cenário que é situado na academia, nas fases das pesquisas e carreiras universitárias.

De acordo com o palestrante, a identificação com esse sentimento constitui a dor desses estudantes e, assim, eles passam

a buscar mais detalhes sobre a antidisciplinaridade e seus desdobramentos.

A pergunta que fica é: e no ensino básico, entre alunos e docentes, é possível enquadrar algum tipo de reflexão sobre esse conceito?

“Sim, ainda que não consiga exercer essa temática em sua plenitude, é importante combinar esses tipos de conhecimentos em espaços como o da aprendizagem baseada em projetos, que possam estimular os estudantes e professores a cruzar as diversas fronteiras para a aprendizagem”, diz.

Para contextualizar, Cortiz arremata o pensamento com a frase dita pelo filósofo grego Aristóteles, há 2,5 mil anos: “o todo é maior que a soma de suas partes”.

### **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NÃO DEVE “TERCEIRIZAR” TAREFAS**

Em um ano em que o assunto central foi, praticamente, a ascensão das tecnologias de inteligência artificial (IA) generativa, o palestrante ressalta que é preciso que os agentes envolvidos no processo educacional tirem proveito dessa evolução, mas sem “terceirizar” as tarefas.

“É importante, para organizar os textos e as ideias, olhar as dicas que a IA nos dá e as formas com que ela pode melhorar o seu texto”, explica.

Com relação aos riscos e preconceitos por trás da aplicação dos prompts e demais recursos no ambiente educacional, o pesquisador reforça que estamos falando de seres humanos por trás das ações oferecidas pela ferramenta digital – e que estão suscetíveis aos erros e intenções desses operadores.

“Atualmente, com o ChatGPT e outros exemplos, estamos vivenciando isso em uma escala muito maior, mas há 15 anos discussões parecidas foram feitas com a própria internet, que naquele momento também era algo muito novo”, compara.

A futurista Martha Gabriel e o professor Diogo Cortiz serão palestrantes na Jornada Pedagógica 2024, conduzindo o painel: *As tecnologias digitais e seus impactos na Educação - Transformando os desafios da escola em um mundo de oportunidades.*

**Cortiz: combinar conhecimentos traz bons resultados na aprendizagem baseada em projetos**



Divulgação



## Como o professor pode explorar o ChatGPT

**Se você é docente e nunca teve nenhum tipo de contato com algum recurso de inteligência artificial generativa, leia este conteúdo.**

**Para Cortiz, o passo fundamental dessa relação é o da quebra da barreira do preconceito ou mesmo do desprezo e partir para a experimentação.**

**“É preciso ir ‘conversando’ com a ferramenta como se fosse uma coautora; por exemplo, pedir seu apoio para estruturar um plano de aula, solicitar versões para montar uma avaliação etc.”, exemplifica.**

**É importante que o usuário entenda que cada um dos resultados pode e deve ser alinhado com a realidade onde a escola esteja inserida – rede pública ou privada, localização e recursos de conectividade oferecidos.**

**“É preciso romper a insegurança, superar o medo ou o desdém”, enfatiza.**





# ACEITAR DIFERENÇAS: OS ATORES NO PROCESSO DE MEDIACÃO DE CONFLITOS

Conduzir a gestão de conflitos em sala de aula passa pela atuação direta de professores, família e comunidade; prevenção ainda é o melhor a ser trabalhado

Imagine a situação: estudantes do fundamental II entram na sala para o início das aulas já empenhados em uma comoção galopante. Dois alunos trocam xingamentos, no que parece ser apenas uma extensão de um conflito que começou na noite anterior, em mensagens trocadas em grupos de aplicativos e redes sociais.

Muitas vezes nem é preciso imaginar. Esse seria um retrato da realidade em sala de aula. Embates verbais, brigas, xingamentos, *bullying* e *cyberbullying*, conflitos generalizados em grupos de aplicativos e de redes sociais. Estas são situações que podem ser encontradas em qualquer colégio de todos os cantos do país.

"Coisa de criança e adolescente", alguns poderiam dizer. Mas por que isso acontece, como agir diante desses acontecimentos, e como classificar o que se chama tradicionalmente de "briga de escola" são perguntas que, diante da complexidade das relações sociais e à luz da psicologia e da pedagogia, precisam ter respostas mais bem delineadas.

Para tentar trazer à tona esses esclarecimentos, a revista **Mundo Escolar** ouviu profissionais como a diretora pedagógica do Colégio Physics, de Belém (PA), Lorena Jacob, e a professora e pesquisadora na área da neurociência aplicada, Marta Relvas. Ambas trouxeram perspectivas valiosas para o entendimento a respeito desse assunto tão urgente nos corredores escolares.

## SALA DE AULA: ONDE AS DIFERENÇAS SE ENCONTRAM

Brigas e discussões no ambiente escolar parecem ser tão comuns que quase não mais se questionam suas origens e sintomas. Segundo Lorena Jacob, a questão é bem mais simples do que parece.

"Conflitos surgem nas escolas e dentro da sala de aula porque se trata de um ambiente social onde pessoas muito diferentes entre si se encontram", define a psicóloga. Por serem de origens morais, sociais e intelectuais tão diversas, essas pessoas – os estudantes – chegam à escola demonstrando todas as suas particularidades.

Que se trata de um ambiente social diverso parece ser um ponto pacífico – mas, afinal, quais os temas desses conflitos? Em outros termos, por que os estudantes tanto "brigam"?

Jacob: professor deve ter olhar mediador de todo o processo

Segundo Marta Relvas, o que surge dessas interações são puramente elementos oriundos da atualidade e que, de certo modo, aderem aos interesses dos jovens. "Temas comuns da atualidade que costumam gerar conflitos são os que falam sobre diversidade, inclusão e questões sociais", ressalta.

Relvas reforça ainda que alguns desses embates podem, sim, ser considerados sazonais devido a mudanças no contexto do ambiente escolar.

Diante desse cenário de tanta complexidade social, há um primeiro "combinado" que necessita ser estabelecido na escola: a criação de um regimento. "É preciso que regras sejam estimuladas – que sejam comuns a todos, independentemente das condições do aluno. A partir do ponto de vista da psicologia, procura-se encontrar um ponto de equilíbrio entre essas medidas e as particularidades de cada um", acrescenta Jacob.

Tais conjuntos de regras sociais precisam emergir e serem guardados por atores que sejam também responsáveis pelo meio escolar – docentes, gestores, família e comunidades. "É preciso trabalhar os professores, trabalhar a comunidade escolar como um todo, e

**"A família pode e deve atuar de maneira constante, colaborando com a escola na abordagem e resolução de conflitos e promovendo um ambiente de apoio e entendimento em casa."**



Divulgação

Relvas: núcleo familiar desempenha papel crucial nessa relação



Divulgação

**"A formação de professores mediadores deve incluir conhecimentos sobre psicologia, comunicação eficaz e técnicas de resolução de conflitos."**

trabalhar também os alunos, dentro do que é individual e do que é coletivo", completa a psicóloga.

**O PAPEL DO PROFESSOR**

A questão dos conflitos em sala de aula é um tema que também é muito comum no magistério, visto que, dada a frequência com que ocorre, é objeto de discussão entre professores, sobretudo sobre os "métodos" que cada um desenvolve para lidar com essas situações, sem que haja prejuízo do processo.

Jacob fala do professor como um ator fundamental nessa dinâmica. "O professor é acima de tudo um grande mediador: de conhecimento, de vida e de conflitos", reflete a profissional.

O termo "mediador" e seus conceitos se mostram, assim, eixos fundamentais para a compreensão dessas relações. Para Relvas, o professor enquanto mediador de conflitos deve lançar mão de ferramentas práticas para lidar com situações em sala de aula. Segundo ela, "a formação de docentes mediadores deve incluir conhecimentos sobre psicologia, comunicação eficaz e técnicas de resolução de conflitos".

Jacob, no entanto, faz uma provocação: "o professor precisa sair desse 'mundinho' de ser apenas um mero transmissor de conhecimento". A psicóloga completa o pensamento reforçando as teorias vanguardistas de que o docente é um mediador tanto de conhecimentos quanto de possíveis conflitos. Dessa maneira, para Jacob o ato da mediação deve ter como base as relações humanas dentro do microambiente escolar. "Esse professor mediador deve ser mais perceptivo em relação ao outro, procurando perceber o que está acontecendo no coletivo dentro da sala de aula."

**FAMÍLIA CIENTE – E PRESENTE**

Há um consenso no meio escolar que confere a toda a comunidade e entorno da instituição o caráter de educadores. Dentro desse universo, um componente mais do que fundamental é a família dos estudantes. Para Relvas, o núcleo familiar desempenha um papel crucial nesse processo.

"A família pode e deve atuar de maneira constante, colaborando com a escola na abordagem e resolução de conflitos e promovendo um ambiente de apoio e

No destaque, peça produzida por projeto de prevenção de conflitos no Colégio Marista Rosário



entendimento em casa", sustenta. De fato: pensando novamente no exemplo citado no início desta matéria, nota-se que muitos conflitos podem começar ainda em casa. É possível, até mesmo, observar que nenhum processo educacional é construído sozinho, dentro dos limites dos muros da escola.

Por outro lado, há o desafio de se manter as famílias engajadas. "Todos hoje estão dentro de um

cotidiano, de um corre-corre, então é preciso criar estratégias para contornar isso", diz Jacob. Para a psicóloga, a principal estratégia consiste em envolver a família nos afazeres cotidianos das aulas, mostrando aos pais sua importância e relevância dentro dessa dinâmica.

"Devemos fazer uso das comunicações possíveis com essas pessoas. Se uma disciplina está trazendo um conteúdo socioe-



### Projeto Educação para a Paz no Colégio Marista Rosário

**Questões envolvendo conflitos em sala de aula podem ser observadas em escolas de todo o país, sem quaisquer distinções. No Colégio Marista Rosário, de Porto Alegre (RS), a preocupação não é diferente e nem menor.**

**Com foco na prevenção, e de maneira mais específica na diminuição dos encaminhamentos e ações de mediação nas turmas de oitavo ano em questões de bullying, brigas, ofensas e xingamentos, o Projeto Educação para a Paz tem sido um norte importante para a construção de um contexto escolar de menos conflitos.**

**A orientadora educacional da instituição, Sylvianne Ribeiro, encabeça hoje o projeto e conta com a valiosa ajuda de todos os outros professores que atuam no oitavo ano. "As questões que envolvem situações ocorridas nos oitavos anos são transformadas em ações no projeto", explica. A profissional destaca ainda que essa faixa etária possui uma "energia explosiva", que muitas vezes leva a situações de conflitos.**

**"Quando a gente, com as ações dos projetos, consegue fazer com que os alunos percebam que uma comunicação não violenta é importante no dia a dia, eles absorvem e reproduzem", conta. A orientadora recorda inclusive que os alunos relembram sempre com carinho das atividades do Projeto Educação para a Paz.**

**Ribeiro destaca, por fim, que o Projeto é um trabalho de muitas mãos e resultado de um esforço coletivo de professores e coordenadores, sempre com o aval da gestão do colégio. "Sozinha eu não conseguiria fazer acontecer esse projeto tão amplo, tão potente aqui na escola."**

**Assim como no mundo fora dos corredores e das salas de aula, conflitos em ambiente escolar se mostram situações complexas que exigem soluções complexas, mas muito longe de serem impossíveis – ou mesmo difíceis. Se prevalece o lado humano, vence a paz.**





**Marista Rosário, de Porto Alegre (RS), foca na prevenção e diminuição de encaminhamentos.**



Divulgação

**Ribeiro, do Marista: comunicação não violenta no dia a dia**

mocional, que seja compartilhado com as famílias, para que possam ter ciência do que está sendo abordado e que, principalmente, deem continuidade nas tratativas sobre os temas", observa.

Esses movimentos de aproximação (e muitas vezes de reaproximação) entre o meio familiar e o ambiente escolar contribuem sobremaneira em casos de atuação específicos. "Comunica-se à família e pede apoio, evocando sempre a importância dessas pessoas nesse processo todo de mediação."

#### **MEDIAR PARA PREVENIR**

Um conflito deflagrado em sala de aula ou em qualquer ambiente escolar tem muitos fatores, com destaque para aqueles já abordados, como, por exemplo, a existência de um contexto social diverso, com pessoas muito diferentes entre si.

Fica claro, então, que ao cuidar de qualquer desses componentes, é possível trabalhar a prevenção de conflitos de maneira efetiva. É nisso que acredita Relvas, que destaca a importância de ações socioemocionais no ambiente escolar. "São abordagens essenciais, que incluem programas de educação socioemocional, promoção da empatia e criação de ambientes escolares inclusivos", enfatiza a pesquisadora.

Ações de amplitude, como programas e projetos que envolvam toda a comunidade, têm eficácia com bons resultados (veja case do Colégio Marista Rosário, ao final desta reportagem) – mas existem também campos de ação de amplitude diária que podem fazer a diferença. Sobre este ponto de vista, Jacob explica: "O professor precisa atuar na prevenção em sala de aula, sem esperar que aconteça uma 'bomba' para, aí sim, começar a mediar. Ele precisa, na verdade, se municiar dos temas específicos para a faixa etária e para o conteúdo que será abordado, e trazer para a realidade da sala de aula, se antevendo a possíveis questões conflituosas que possam surgir".

A psicóloga trouxe um exemplo sobre essa questão das emoções e percepções que podem surgir em aula: ao conduzir os alunos para um conteúdo sobre handebol, o professor de educação física deve se prevenir diante da característica dessa atividade que pode gerar um conflito, que é o contato físico. Temas como respeito e conhecimento corporal devem ser abordados de maneira antecipada.



Estudantes, pais,  
professores e  
gestores têm uma  
parcela valiosa  
nesse processo.

# ESG, MAS TAMBÉM COM “E” DE ESCOLA

As práticas de ESG encontrariam no ambiente escolar – seja educacional ou de gestão – terreno fértil para se desenvolver e trazer resultados?

A sigla ESG evoca algumas ações que circulam principalmente pelos corredores e salas corporativas, quase sempre lembrando grandes empresas, como bancos, empreiteiras e multinacionais. Mas e se transportarmos essas ideias para outros corredores, como os da escola?

Essa transposição das práticas de desenvolvimento sustentável, social e de governança, ESG (em inglês *Environmental, Social and Governance*) não somente faz sentido como pode encontrar no ambiente escolar um terreno para fincar raízes e se disseminar.

Apesar de promissor, falar de ESG no contexto da educação em geral e da sala de aula é algo complexo, e se faz necessário pensar em seus diversos atores e muitas nuances a serem consideradas. Alunos, pais, professores e gestores são, cada um à sua maneira, responsáveis por uma pequena, porém valiosa, parte desse processo.

Todas as medidas e parâmetros em que essa integração escola-ESG ocorre podem variar muito, afinal, é difícil pensar em outro segmento da sociedade brasileira mais multifacetado do que a educação.

Mas, o que pode ser feito dentro das instituições com relação às práticas de ESG, o que vem sendo feito e quais resultados se colheu e o que se pode esperar?

Foram essas perguntas que a revista **Mundo Escolar** fez a agentes que estão trabalhando esse tema no dia a dia da sala de aula.

## NAS ESCOLAS

Para a diretora do Colégio Compa, de São Paulo (SP), Viviane Flores, a educação de maneira geral contempla alguns pontos das práticas ESG há algum tempo. "A questão da sustentabilidade ambiental, da gestão dos recursos, de questões sociais de um modo mais amplo, tudo isso podemos dizer que já consta na dimensão curricular da educação básica", complementa.

De fato, é algo que se observa com frequência, nos casos de estudantes se mobilizando em causas pelo meio ambiente, tanto dentro quanto fora do perímetro escolar. Quem, quando nas fileiras escolares, não participou de algum evento sobre o meio ambiente, por exemplo?

Os alunos do Colégio Compa empreenderam ações durante o ano letivo de 2023 com base no objetivo número 2 (de um total de 17) da Agenda da Educação 2030 da Unesco, "fome zero e agricultura sustentável". Foram várias propostas de campanhas e de formação crítica, nas quais trabalharam a conscientização e tiveram contato,

por exemplo, com algumas iniciativas de agricultura sustentável.

Em contrapartida, Flores aponta que a questão da governança – o "G" da sigla – ainda caminha devagar. "É o pilar que talvez avance com menos velocidade, quando falamos em educação básica", aponta a diretora, que acrescenta a necessidade de abordagem desses temas, inclusive para que não exista dissonância entre o que as crianças aprendem na escola e encontram, anos depois, nas empresas.

A consultora e especialista em ESG e desenvolvimento sustentável Mayra Souza afirma que há nas escolas uma questão importante sobre como abordar esses temas. Para ela, essas práticas não podem funcionar de maneira "separada". "São temas que precisam aparecer na grade de maneira totalmente transversal. Você tem que, por exemplo, pegar biologia, química, história e português e, com todas essas matérias, tratar de mudanças climáticas", enumera.

A consultora trouxe um pouco de sua experiência em empresas do Brasil e do exterior, e citou alguns casos de como práticas de ESG comumente encontradas no meio corporativo podem figurar em instituições de ensino.

"Uma ação que tenho visto em escolas é permitir que a criança pegue algo na cantina para comer, e ela mesma pague. Depois, há uma atividade que tem tudo



Flores, do Colégio Compa: sustentabilidade já consta no currículo

Divulgação

**Pilar de Governança é, talvez, o que avance em menor velocidade no contexto da educação.**



O QUE PODE SER

FEITO DENTRO

DAS ESCOLAS

COM RELAÇÃO ÀS

PRÁTICAS DE ESG?



a ver com ESG e alguns princípios da ética: os alunos fazem a contagem de quantos produtos foram vendidos e quanto tem de dinheiro no caixa", relata.

Outro movimento interessante é o da tecnologia, que se desenvolve e avança na sociedade de maneira exponencial, e muitas vezes aparece em sala de aula. Mas, para a diretora Flores, existe ainda um caminho a ser trilhado rumo a uma abordagem que seja eficiente e condizente com o ESG.

"O uso da tecnologia e de ferramentas digitais na sala de aula é uma realidade. No início, a tecnologia era utilizada apenas com fins didáticos, e só em tempos recentes é que se começou a refletir de maneira humanizada sobre a transformação tecnológica que a sociedade atravessa", cita.

#### NA GESTÃO ESCOLAR

Enquanto gestora do Colégio Compa, Flores precisa cuidar de diversos aspectos funcionais da instituição. Segundo ela, os princípios e práticas do ESG são parte desse processo, como em qualquer outra empresa. "Há um

cuidado, inclusive, para que a escola seja desenvolvida e construída a partir de um projeto que seja perene e sustentável do ponto de vista da própria estrutura e da construção. Essa é uma das pedras fundamentais da gestão".

A gestora mostra preocupação com a questão da governança em termos de condução escolar. Destaca, por exemplo, a importância das práticas que promovem um quadro financeiro eficiente e sustentável a longo prazo, alicerçadas pela geração inteligente de recursos e direcionada para uma educação de qualidade.

Nesse ponto, quaisquer dúvidas sobre a intercambialidade de práticas ESG entre empresas e escolas que poderiam existir, pelo menos no quesito gestão escolar, já estão em xeque. Souza comprova com exemplos:

"Em algumas escolas com que tive contato já existem estruturas para reutilização de água da chuva, de uso consciente da água das torneiras, uma busca pela eficiência energética por meio do uso de energia solar, iluminação natural de espaços e utilização de lâmpadas de LED", comenta.



# A ESCOLA FORMA CIDADÃOS E ESPERA QUE ELES LEVEM PARA A SOCIEDADE OS PRINCÍPIOS DE ÉTICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Souza: temas ESG devem aparecer de maneira transversal na escola



Divulgação

Essas são soluções de certa maneira tecnológicas. E a tecnologia, segundo Flores, pode e deve fazer parte do cotidiano da gestão escolar, em um caminho também pautado pelas práticas de governança. "Há uma tendência que emerge e se faz crescente de usar a tecnologia de manejo e análise de dados para, por exemplo, auxiliar na tomada de decisões dentro do contexto da gestão institucional", destaca.

### PROFESSOR, O MAESTRO DAS PRÁTICAS

Qualquer caminho mental que se faça quanto à questão do ESG no contexto da educação, e de maneira mais específica dentro da sala de aula, passa obrigatoriamente por uma reflexão sobre o papel do professor. Afinal: como esse profissional, mestre no ensino dos números e das letras, atua nesse processo?

A resposta fácil e mais próxima da realidade é: com formação específica. É essa também a opinião da consultora Souza, que defende a necessidade de qualificação e de capacitação dos professores rumo a um entendimento holísti-

co que envolva educação, ensino e práticas ESG. Para ela, o desafio é "promover formações que capacitem o professor a fazer conexões que vão além de sua própria área de conhecimento e ensino".

O intuito, ainda segundo a especialista, é não apenas formar no âmbito individual, mas também provocar uma mudança em comportamentos interpessoais. Grupos de professores que conversam, se reúnem, conseguem abstrair e pensar "fora da caixa" e, juntos, compõem uma narrativa conjunta para o ensino, têm um potencial alto de estarem aptos a se enquadrar nas melhores práticas de ensino de ESG.

### ALUNOS E FAMÍLIA

Os papéis da escola, enquanto instituição, bem como de seus atores intrínsecos, ficam bastante claros em todo esse processo. Os estudantes e suas famílias, por sua vez, têm também seus papéis – e estes são até mesmo mais amplos do que os da escola.

Souza conta que em um dia de distração, dentro de casa, abriu



### **Professor assume função de maestro das práticas ESG em sala de aula.**

a torneira em uma intensidade mais forte que o normal, gerando um barulho mais alto, no que foi advertida pelo seu filho: "Mãe, não gasta muito, vai acabar com a água do planeta".

Ela usa o exemplo para compreender que o ambiente familiar e o escolar se conversam de forma intrínseca. "Muitos estudantes, quando eles aprendem isso dentro das escolas, levam pra dentro de casa, falam para o além-muro e, muitas vezes, são os filhos corrigindo os pais", aponta.

Esses conceitos devem existir no convívio da família, mas passam a ser reforçados durante o período de aula. E esses apontamentos se prolongam, segundo a consultora, em outros âmbitos, como o uso do cinto de segurança, o respeito às placas de trânsito etc.

"Quando ele está consciente dentro do seu papel, como cidadão responsável, ele leva isso para as famílias – e elas, por sua vez, multiplicam para o coletivo",

explica. "Falo que a sustentabilidade não se faz sozinha", afirma.

"A escola forma cidadãos. E quando a gente forma cidadãos, espera que eles levem para fora da escola os princípios de ética, de desenvolvimento sustentável e de uma sociedade mais justa e respeitosa", destaca Souza.

### **"E" DE ENVIRONMENT - MAS PODERIA SER DE ESCOLA**

É interessante observar a maneira como se pensa a escola, principalmente quando o fazemos à luz de um tema como ESG. Um microcosmo, um laboratório de humanidade, um campo de exercício para a cidadania plena. No fundo, sempre soubemos que a escola foi feita para o ESG - e vice-versa.

A consultora em desenvolvimento sustentável Mayra Souza estará presente na Jornada Pedagógica 2024, no workshop *ESG e o Papel da Educação - Nosso mundo sustentável começa na escola*.

# CAMINHOS E DESAFIOS NA BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



**Um ponto de avanço está na compreensão por parte da escola sobre essas pautas, inclusive sobre a forma como elas são percebidas na sociedade.**

Os esforços para contemplar a representatividade de negros e negras na História e a busca pelo reconhecimento do racismo estrutural nas instituições de ensino

Maria Felipa de Oliveira, pescadora, marisqueira e quitandeira, representa os negros e negras que perderam a vida e foram invisibilizados por séculos, que não se vê na História e nos livros sobre esses corpos que foram sacrificados na luta pela independência do Brasil.

Na ilha de Itaparica, localizada na Baía de Todos os Santos, no estado da Bahia, essa personagem teria liderado um grupo que incendiou barcos dos portugueses durante os fatos que marcaram a luta por esse marco na trajetória do país que, diga-se de passagem, foi muito mais conturbada do que pinta o famoso quadro que eternizou esse momento.

Não há muitos documentos atestando esses feitos. Como tantos outros casos brasileiros, não foram preservados registros sobre o protagonismo dessa mulher negra, decorridos mais de 200 anos.

"Maria Felipa é um elemento pedagógico e didático que ainda sofre muito preconceito, pois acadêmicos dizem que ela é um

mito, que não existiu", explica a pedagoga e especialista em metodologia do ensino africano e afro-brasileiros Valdiria Lopes. "Me sinto contemplada em ver essa heroína", reforça.

A fala da professora e os excertos acima foram retirados do podcast do projeto Querino (que pode ser ouvido em [projetoquerino.com.br/podcast](http://projetoquerino.com.br/podcast)), idealizado pelo jornalista Tiago Rogero, que já foi ouvido mais de 1,5 milhão de vezes e recebeu o prêmio Vladimir Herzog de anistia e direitos humanos.

#### **A INVISIBILIDADE**

Trabalhar uma educação antirracista na escola tem aspectos desafiadores, diante de um processo educacional desenvolvido desde o século XIX, com uma lógica racista que não é deliberada – diferente, por exemplo, dos Estados Unidos e suas leis segregacionistas.

"A história brasileira se apresenta como um grande rio branco, com afluentes menores, indígenas e negros", comenta com ironia





OPORTUNIDADE

PARA PENSAR EM

OUTRAS MANEIRAS

DE COMO ENSINAR

A HISTÓRIA; É UMA

ETAPA IMPORTANTE DA

POLÍTICA PEDAGÓGICA

ANTIRRACISTA.



a professora da Universidade Federal Fluminense, escritora e consultora técnica do projeto Querino, Ynaê Lopes dos Santos.

A organização do currículo nacional, segundo a docente, estrutura-se a partir de uma perspectiva que segue marginalizando a população negra e indígena. Nesse contexto, deixam de ocupar uma posição construtiva em todos os períodos, passam a ser considerados como apêndices, privilegiando recortes e atos políticos conduzidos por personagens brancos.

No que se refere aos escravizados, a autora critica a perspectiva que coloca esses indivíduos como não produtores e sem conhecimento. "Acho que esse é o principal problema: lhes é retirado aquilo que os definiu, infelizmente, na condição da escravidão, que é o fato de eles serem trabalhadores e trabalhadoras", explica.

Nas pesquisas e produções acadêmicas, busca atentar para o fato de que, nos 350 anos de vigência da escravidão, esses agentes construíram grande parte da materialidade do nosso país. "As tecnologias que vieram do continente africano e que foram empregadas aqui, mesmo na condição da escravidão que, sem sombra de dúvida, desumaniza, não retiram a humanidade de ninguém", salienta.

### AVANÇOS

Um ponto de avanço nesse tema, segundo Santos, é o reconhecimento por parte da escola sobre essas pautas, inclusive sobre a forma como elas são percebidas na sociedade, com as camadas do racismo estrutural.

"Muitos colégios privados, inclusive de elite, que são majoritariamente brancos, têm tentado não só reconhecer, mas entender como esse racismo opera na sua



Divulgação

Santos: a história brasileira se apresenta como um grande rio branco

instituição, algo que não acontecia pouco tempo atrás”, reflete.

Ela se recorda de sua experiência de vida, quando frequentou, como bolsista, instituições de alto nível. Comenta que, ao lado dos irmãos, representavam a única família negra de todo o local.

“Qualquer política antirracista passa por redistribuição de renda e vão ter que gastar dinheiro para se transformar, para formar melhor seus professores, criar sistemas de bolsa para que esses alunos negros, indígenas possam usufruir de maneira completa, sem ficarem estigmatizados”, pontua.

Como exemplo de instituições paulistanas que desenvolvem projetos de educação antirracista, Santos cita a Emei Nelson Mandela, que é referência em diversidade, cultura de paz e protagonismo infantil. Ainda na capital, o Colégio Vera Cruz, Escola da Vila e Móbile. No Rio de Janeiro, Jangada Escola e Casa da Mangueira. Em Salvador, a escola Afro-Brasileira Maria Felipa.

A docente reforça que existe uma percepção de que escolas particulares estejam “comprando” a proposta antirracista como se fosse um selo. Se por um lado é

positiva a pressão dos movimentos sociais, há o risco de que a proposta se converta em caridade. Mas a luta deve integrar toda a sociedade, e deve haver reconhecimento e responsabilização.

A Escola Parque é uma instituição de referência em educação construtivista no Rio de Janeiro (RJ). Com mais de 50 anos de história, tem em seu DNA um compromisso com processos educacionais de inovação e liberdade.

Não é diferente quando a pauta é a educação antirracista. Em março, mês em que se comemora o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, a instituição organiza uma semana inteira de mobilização pelo tema.

**“Qualquer política antirracista passa por redistribuição de renda e vão ter que gastar dinheiro para transformar, para formar melhor seus professores, criar sistemas de bolsa para que esses alunos negros, indígenas possam usufruir de maneira completa, sem ficarem estigmatizados.”**

Conceição, da Escola Parque: 70% dos sistemas escolares desconhecem legislação sobre cultura afro-brasileira



Divulgação

“ —

## O que dizem as leis 10.639 e 11.645

**A Lei nº 10.639 de 2003 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, sendo elas públicas ou particulares, desde o ensino fundamental até o ensino médio**

**A Lei nº 11.645 de 2008 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira e indígena”.**

**Para a professora Ynaê Santos, há oportunidade para pensar em outras maneiras de como ensinar a história, ao invés de ficar falando, “quase que fazendo álbum de figurinha sobre quem foram os negros importantes, embora isso seja fundamental, acho que essa é uma etapa importante de uma política pedagógica antirracista”, conclui.**

"Todos os segmentos se mobilizam para realizar diversas ações, valorizando a cultura estética negra, trazendo especialistas para debater como o racismo se manifesta dentro da escola", explica o professor especialista em educação antirracista Fábio Conceição.

O docente de História ressalta que já são seis anos consecutivos que essa iniciativa é aplicada em toda a comunidade escolar, de forma positiva.

Outra iniciativa é o Novembro Negro, quando mobilizam os estudantes e docentes, com ações realizadas à época do mês da consciência negra. "É importante dizer que estamos nos preparando para enfrentar o racismo pedagogicamente, ao longo do ano letivo, criando trilhas formativas e investindo em capacitação sobre o tema", complementa.

### **A IMPORTÂNCIA DE UM LETRAMENTO RACIAL**

Conceição ressalta que diante de um constante negacionismo da sociedade, para muitos brasileiros há um entendimento de que não é sequer necessário existir uma ação efetiva contra o racismo.

"Ele acaba fazendo parte da norma, daquilo que é o nosso cotidiano, a morte de pessoas pretas, a agressão, sem valorizar a efetiva contribuição dos povos não brancos", enumera.

Esse trabalho de enfrentamento, segundo o docente, deve acontecer também nos bancos escolares. "É fundamental que as escolas se mobilizem com toda a comunidade educativa, para que se tenha uma cultura antirracista, e o letramento racial certamente pode ajudar nesse processo", explica.



De acordo com o professor, mais de 70% dos sistemas escolares, entre as redes pública e privada, não têm conhecimento da legislação sobre o tema da cultura afro-brasileira no ensino.

"O letramento racial é, sem dúvida, um instrumento poderoso para que tenhamos uma educação antirracista, o que é absolutamente necessário para todos os cenários, em especial no contexto privado, onde a população branca é sua maioria", aponta.

Na visão do especialista, há esforços em direção a esse objetivo, porém ainda muito tímidos. Apesar da produção acadêmica existente, com referências bibliográficas sobre o tema, ele acredita possível um esforço e envolvimento maior e mais efetivo das instituições de ensino.

"Não posso desconsiderar avanços importantes, mas estão muito aquém da necessidade que temos de, efetivamente, garantir a aplicação das leis que garantem o reconhecimento, a celebração e a valorização das contribuições para a nossa formação social, política, cultural dos povos africanos e afro-brasileiros e dos povos originários, dos povos indígenas", conclui.

# “PARECE QUE CORRI UMA MARATONA DESDE A MINHA ANTIGA REALIDADE”

## INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Beatrice: sonho de ser cardiologista

Com abordagem social e também racial, Instituto concede bolsas a estudantes em escolas de ponta e trabalha estratégias para pertencimento e motivação nesses ambientes

A frase que está entre aspas no título foi proferida pela estudante Nicolle Beatrice, que hoje integra o ensino médio do Colégio Bandeirantes, renomada instituição paulistana, fundada nos anos 1940.

Antes, frequentava as fileiras de uma escola estadual, quando ficou sabendo das modalidades de bolsas de estudo oferecidas pelo Instituto Sol e resolveu buscar uma dessas oportunidades.

“A experiência na nova escola tem sido ótima, todos são muito receptivos e delicados. Eles focam muito para o aluno aprender de verdade o conteúdo, e a infraestrutura é incrível”, relata.

Para a CEO do Instituto Sol, Bruna Waitman, é possível observar a temática da desigualdade racial na educação no Brasil olhando para duas dimensões.

“É um avanço garantir o acesso a um ensino de alta qualidade para pessoas negras, que historicamente esteve mais ao alcance de pessoas brancas. Mas é preciso pensar em estratégias para que os estudantes se sintam perten-

centes, vinculados, motivados nesses ambientes”, enumera.

Na proposta oferecida pela organização, há o apoio ao aluno para acesso ao ensino médio de alta qualidade, no ensino superior e no cursinho.

Uma vez inseridos, é feito um trabalho de recomposição de aprendizagens, com o objetivo de preparar ainda mais esse estudante.

“Na permanência, há acompanhamento ao longo de toda a jornada, para os cuidados na dimensão acadêmica e psicossocial”, comenta Waitman, destacando que a experiência traz ganhos para os professores e gestores, os demais colegas, para as famílias desses bolsistas e sua comunidade.

A jovem Beatrice, por sua vez, já prepara o caminho para se tornar médica, com o objetivo de atuar nas áreas de cardiologia ou cirurgia geral. “Nesse ano, vivi e estou vivendo experiências incríveis que nunca imaginei e todas elas me mostram que o esforço valeu a pena”, diz.



Divulgação



Divulgação

Waitman, do Instituto Sol: garantir oportunidade de ensino de alta qualidade para pessoas negras

# PESQUISA REVELA QUE SAÚDE MENTAL AINDA PREOCUPA

Socioemocional do professor ainda é o assunto mais solicitado na pesquisa de preparação para a Jornada Pedagógica 2024, além de tecnologia e práticas do ensino

No ano passado, quando a equipe responsável pela idealização do evento formativo Jornada Pedagógica, realizado no mês de janeiro pela FTD Educação, se organizou para ouvir professores e gestores de todo o Brasil, entendeu que saúde mental e socioemocional eram temas que preocupavam esse público.

Doze meses se passaram e, ao realizar um novo estudo sobre os assuntos em pauta, constataram que esse aspecto ainda não mudou. Os tópicos inteligência emocional para os docentes, saúde mental e gestão e mediação de conflitos em sala de aula ocuparam a resposta da maioria

dos profissionais – aproximadamente 58% dos ouvidos.

Como ressalta a CEO do instituto Vozes da Educação, Carolina Campos, tratar do aspecto socioemocional de docentes e alunos é delicado. "Há escolas que ainda pensam que esse lidar com a emoção não é sua atribuição, mas da família ou, que não foram preparadas enquanto educadoras para lidar com isso, então também não querem saber", cita.

A pesquisa revelou, ainda, um anseio por conteúdos formativos de outras áreas, como práticas pedagógicas, tecnologia educacional e formação docente.

**Há escolas que ainda pensam que o emocional não é função da sala de aula, mas apenas da família.**

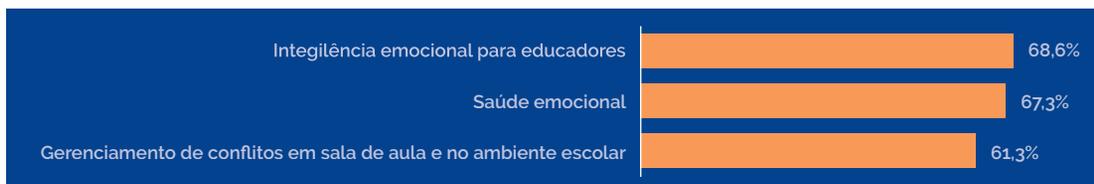


Passados  
doze meses,  
socioemocional  
ainda é uma  
preocupação da  
docência

## Pesquisa socioemocional

Para comentar sobre os resultados exibidos na pesquisa, a revista **Mundo Escolar** ouviu especialistas que atuam dire-

tamente com as áreas citadas pelos professores e gestores que participaram dessa experiência.



Campos, do Vozes da Educação: escola deve olhar, sim, para emoções do professor

Divulgação

### FADIGA POR COMPAIXÃO

O instituto Vozes da Educação foi criado com o objetivo de construir um ambiente seguro de aprendizagem para crianças e adolescentes. Diante dos resultados apresentados, Campos chama atenção para um sintoma que, até há pouco tempo, era relacionado apenas a profissionais da área de saúde.

“Fomos encontrar a resposta numa condição chamada fadiga por compaixão que, basicamente, significa o custo do cuidado”, comenta, destacando que essa classificação é mais comum em enfermeiros, médicos, em contato permanente com pacientes.

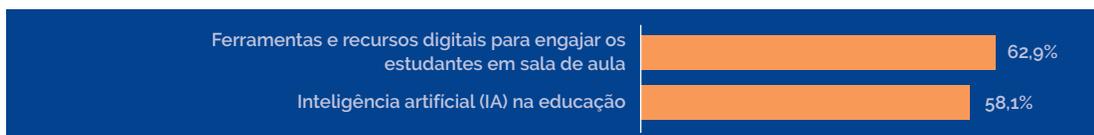
“É quando alguém cuida tanto de outra pessoa que chega à

exaustão – a fadiga por compaixão tem entre muitos sintomas a dessensibilização; e a gente percebe isso nesses profissionais do ensino”, observa.

Como resultado da manifestação dessa fadiga estão os relatos do docente que, simplesmente, não aguenta mais ir para a escola, que tem como única motivação a busca incessante pela aposentadoria, entre outros aspectos.

A CEO entende que essa já é uma realidade presente no cotidiano, mas ainda não existe literatura no país ligada ao assunto. “Você encontra nos repositórios de busca apenas pesquisas estrangeiras e é muito importante a gente refletir que esses profissionais precisam de apoio”, diz.

## Pesquisa tecnologia



### TECNOLOGIA COMO FACILITADORA

Em um mundo onde a hiperconectividade e a presença tecnológica estão em todos os aspectos da cidadania e relacionamento social, é importante que elas também sejam inseridas na escola.

A frase vem da presidente do Instituto Singularidades, a professora Cláudia Costin. “(A tecnologia) não como substituta do professor ou dos livros, mas como mecanismo de pesquisa e ferramenta à disposição do professor para facilitar sua vida como, por exemplo, por meio de plataformas adaptativas”, cita.

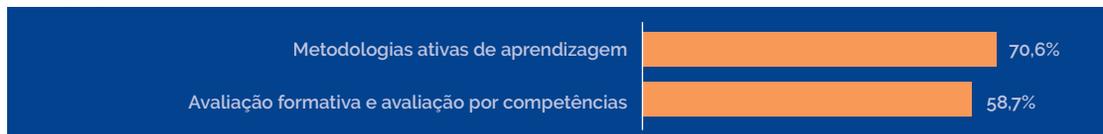
Sistemas capazes de identificar o que o estudante não aprendeu, para direcioná-lo para atividades, muitas delas gamificadas ou aulas digitais, que vão repor esse aprendizado que o aluno não desenvolveu suficientemente.

“Mas não estamos falando só de computadores ou tablets; mais recentemente, vem se trabalhando muito com cultura maker. Para aprender um conceito, deve-se desenvolver com a turma uma

resolução colaborativa de problemas com atividade, para prototipar soluções”, exemplifica.

Para Costin, essa é uma cultura que permite integrar saberes e possibilita a aprendizagem baseada em projetos, sem deixar de lado a importância de aumentar a conectividade das escolas com internet de velocidade suficiente para o processo pedagógico e não só administrativo.

### Pesquisa práticas pedagógicas



### RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÕES

Para Costin, o tema das práticas pedagógicas é muito presente em pesquisa de campo, por conta da ausência desses tópicos na formação dos profissionais.

Em sua análise, o que é oferecido nas escolas, nas propostas formativas no EAD acaba não tendo a qualidade necessária para a conexão com a realidade na sala de aula.

“Mesmo com as mais recentes residências pedagógicas e o estágio obrigatório, ele acaba se restringindo a quatro meses, período que pode ser, em muitos casos, mais ritualístico”, pontua.

Na visão da CEO, o modelo adotado no Chile é importante, com uma lei nacional que indica onde o futuro docente deve estar, desde o primeiro ano da faculdade, frequentando uma escola, onde observa os procedimentos e, progressivamente, enquanto vai cursando a formação acadêmica, assume trechos da prática na sala de aula.

“Cito muito o caso de médicos que na sua formação têm, junto à

escola, um hospital universitário, desde o início do processo. Não é só na residência médica que ele o frequenta, porque está se formando para uma profissão complexa, assim como a do professor”, compara.

Do ponto de vista das avaliações e na formação continuada, Costin reforça a importância de saber aplicá-las e, principalmente, entender como usar os dados desses processos.

“O futuro aluno vai competir no mundo do trabalho com a inteligência artificial e o ChatGPT; se a escola não ensinar a pensar de forma sistêmica, histórica, matemática e científica, ele não vai estar pronto para esse cenário”, alerta.

A especialista ressalta que não se pode usar o que ela chama de negacionismo científico na educação. “O que é usar ciência em educação? É não só saber o que funciona e o que não funciona no processo educacional, mas também aprender a usar dados das avaliações, para que tipo de atividades serão necessárias para recompor aquele aprendizado”, pontua.

**Em um mundo onde a hiperconectividade e a presença tecnológica estão em todos os aspectos da cidadania e relacionamento social, é importante que elas também sejam inseridas na escola.**

# GESTOR ESCOLAR DEVE LIDERAR NO CUIDADO ÀS EQUIPES

Escola é um espaço de construção coletiva.  
Bem-estar de todos deve prevalecer



Divulgação

Sanches, da Aprender a Ser: gestor é liderança importante nos suportes ao docente

**“Na gestão compartilhada, trabalha-se o princípio do saber respeitar o pensar do outro para, assim, de forma assertiva, favorecer a convivência coletiva; o saber ouvir, falar, participar e repartir com o grupo.”**

O que é uma escola, senão um lugar de ensino e aprendizagem? Isso explica por que os temas que preocupam o docente tomaram conta da pauta das pesquisas. No entanto, 38% dos respondentes são coordenadores pedagógicos e 15% ocupam posições na direção de instituições.

O papel do gestor em situações em que se clama por determinadas pautas é ligado a um instinto de liderança, segundo o professor Claudio Sanches, coordenador da consultoria educacional Aprender a Ser.

“Lideram e cuidam das equipes nos aspectos que pautam a formação continuada desses profissionais, no lado emocional de cada membro e das relações que se efetivam nos espaços de trabalho”, enumera.

A escola é, também, intermediadora e possibilitadora de construções de aprendizagem e de relações entre ensinantes/aprendentes-aprendentes/ensinantes-aprendentes/aprendentes, enumera o pesquisador.

“Na gestão compartilhada, trabalha-se o princípio do saber res-

peitar o pensar do outro para, assim, de forma assertiva, favorecer a convivência coletiva. Valoriza-se o saber ouvir, falar, participar, tomar parte, decidir, repartir com o grupo o que construiu e o que aprendeu para o crescimento de todos”, detalha.

A forma compartilhada de desempenhar a gestão valoriza, ainda, a empatia, com um olhar para si, mas com a capacidade de enxergar os problemas externos, de que está precisando ser ouvido – no social e no emocional de professores, por exemplo.

“A empatia, quando bem trabalhada, gera conexão e confiança entre as pessoas e isso as torna mais produtivas no ambiente de trabalho e consolida relações pessoais de forma verdadeira”, comenta.

### SABER ESCUTAR

“(…) saber escutar os outros... é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam em comunhão”. Sanches utiliza a frase do psicanalista e educador Rubem Alves (1933-2014), para falar sobre como permear o sentimento de união entre os profissionais de educação.

"Encontros permeados pela empatia possibilitam identificar sentimentos pertinentes aos seres humanos de amor e ódio, alegria e raiva, tristeza e felicidade, coragem e medo, preocupação e alívio, angústia e serenidade, ansiedade e calma, sentimentos que podem levar à depressão, ao sofrimento emocional, a distúrbios e transtornos em relação aos nossos fazeres educacionais e pessoais", ressalta.

Na sua avaliação, esses momentos precisam ser desvinculados das reuniões pedagógicas e administrativas e devem ter como foco trabalhar as inteligências e competências emocionais para conseguir lidar melhor com o dia a dia físico e mental dos envolvi-

dos, para que venham a ter consciência das emoções que existem em si mesmos, além de identificá-las e procurar as melhores estratégias de como superá-las.

O líder gestor deve mapear os participantes para entender quem tem melhores condições emocionais para conduzir as pautas, além da presença de um profissional da área de psicologia, que conheça o dia a dia das escolas e seus possíveis conflitos entre os participantes que integram as comunidades educacionais, para, se necessário, encaminhar a um especialista em medicina do trabalho.

"O gestor deve estar sempre no centro do 'furacão' para fazer a diferença", conclui.

### Os temas de maior interesse, de acordo com as respostas



### Quem a pesquisa ouviu?

Para ter uma gama tão abrangente de resultados, a segunda edição da pesquisa pré-evento da Jornada Pedagógica 2024 teve o objetivo de coletar sugestões de temas, palestrantes e datas.

Em linhas gerais, foi uma análise quantitativa realizada por meio de um questionário online, com um público composto por professores, coordenadores de escolas privadas e públicas.

Os questionários foram enviados e recolhidos entre os dias 14 de agosto e 1º de setembro deste ano, contemplando 978 respondentes, ou seja, que trouxeram posicionamentos sobre todos os campos propostos.

#### Proporções continentais

Profissionais de 24 estados brasileiros – mais o Distrito Federal – emitiram suas opiniões ao conjunto de perguntas propostas.

Do total, a maioria dos participantes é da região Nordeste do país, com 38,8% de participação, seguida da Sudeste, que apresentou 31,4% das respostas.

Com relação ao nível de ensino em que esses respondentes atuam, a maior parte foi do ensino fundamental anos iniciais (60,1%), seguido de perto pelo fundamental anos finais (46,4%) e educação infantil (45,5%). Profissionais que atuam no ensino médio tiveram 25,5% de participação.

Sobre a experiência e o tempo de atuação, a maior fatia de participantes da análise trabalha com educação numa carreira entre seis e dez anos. Do total, 8,7% estão na atividade há menos de um ano – e apenas 4,9% atuam há mais de 25 anos.

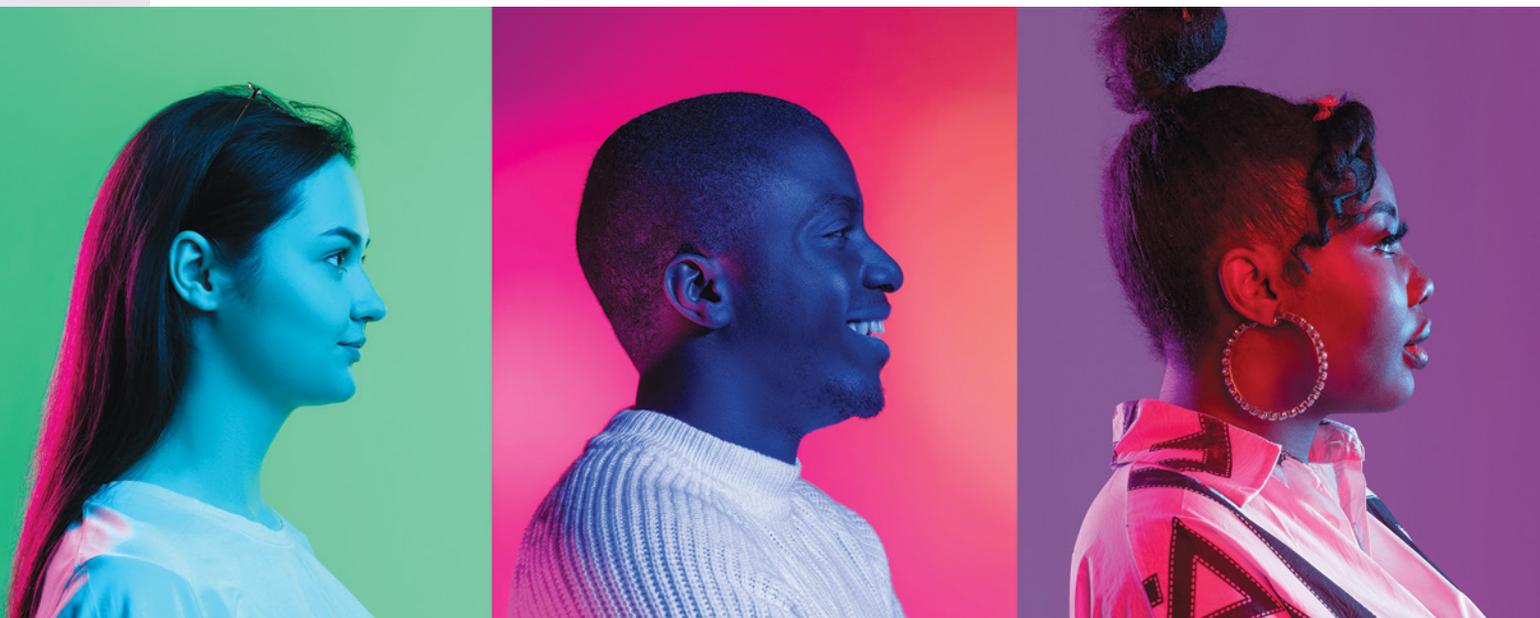
# PRINCÍPIOS SOCIAIS EM PAUTA

Relatório de Sustentabilidade 2022 destaca os esforços históricos do Grupo Marista no ESG, com resultados em todas as áreas – em especial, no pilar “S” da sigla

Poucos dias após a ordenação como padre, o jovem Marcelino Champagnat se mudou para a pequena aldeia de La Valla, na França, onde junto a outros colegas começou a desempenhar uma rotina que envolvia a visita a doentes e auxílio aos pobres.

Meses depois, em 2 de janeiro de 1817, nasceria desse movimento a Congregação dos Irmãozinhos de Maria ou Irmãos Maristas.

Esse olhar para o primeiro capítulo do passado do grupo é importante para entender que, em tempos em



que se destacam os pilares de ESG, sigla em inglês para os conceitos ambiental, social e governança, muito dessa essência vem do nascimento da instituição.

Prova desses esforços são os resultados do recente Relatório de Sustentabilidade Corporativa, documento que detalha os impactos sociais do Grupo Marista durante o ano de 2022.

Os diversos apontamentos e gráficos mostram o compromisso de ações responsáveis, alinhadas aos princípios ambientais, sociais e de gestão.

“Nascemos como uma instituição essencialmente social, e nos tornamos uma instituição filantrópica, o que consolida, em nossa essência, nosso trabalho em benefício ao próximo”, destaca o CEO do Grupo Marista, Maurício Zanforlin. “Depois, fomos incorpo-

rando boas práticas e iniciativas nas áreas ambiental e de governança, de forma que os conceitos de ESG estão muito em sinergia com a nossa missão”, pontua.

### **REDUÇÃO DA DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO**

Ponto de destaque no relatório apresentado está nas mãos dos estudantes dos colégios maristas. A proposta Projeto de Intervenção Social, desenvolvido pelos alunos do 1º ao 5º ano; o Projeto de Intervenção Científica e Social, com alunos entre os 6º e 9º anos; e dos Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio.

**Estamos comprometidos com ações que contribuam para a realidade por eles enfrentada.**





**É FUNDAMENTAL QUE A  
PAUTA ESG ULTRAPASSE  
OS AMBIENTES DE  
LIDERANÇA, PARA QUE  
POSSAM CHEGAR À VIDA  
PRIVADA DA COLETIVIDADE**



A ideia dessas dinâmicas reside em incentivar o aluno a olhar para os problemas ao seu redor e, também, estimular o engajamento com questões que tenham impacto social e ambiental.

Norteadas pelas premissas dos Objetivos de Desenvolvimento Social da Organização das Nações Unidas (ONU), as ações aplicadas em sala de aula têm a

função de trabalhar o pensamento científico-social dos alunos e, ao mesmo tempo, fortalecer uma agenda de sustentabilidade.

#### **MAIS MULHERES NA CIÊNCIA**

Outra abordagem citada no relatório ESG foca a educação científica e tecnológica para meninas e meninos ainda na infância, podendo levar a um quadro de

## Destaques do ano



Concedemos  
**11.645**  
bolsas de estudo de  
Educação Básica,  
Ensino Superior e  
Ensino Técnico



Implementamos  
**82**  
projetos de  
inovação e  
tecnologia



Contamos com  
aproximadamente  
**39 mil**  
estudantes na PUCPR  
em diferentes modalidades de  
ensino, sendo **26 mil** nos cursos  
de graduação



Geramos + de  
**13.134**  
empregos  
diretos



Enviamos  
**49,5**  
toneladas de  
materiais para  
reciclagem



Atingimos  
**85%**  
de energia  
proveniente  
de fontes  
renováveis



Atingimos  
**75,7%**  
de serviços  
prestados ao  
Sistema Único  
de Saúde

### Indivíduos dentro dos órgãos de governança da organização, por gênero

(%) GRI 405-1



### Indivíduos dentro dos órgãos de governança da organização, por faixa etária

(%) GRI 405-1



Fonte: Relatório de Sustentabilidade 2022 – Grupo Marista

**Corpo e mente**  
que envolve iniciativas como planos de saúde e odontológico, programas de acesso a academias de ginástica e atividades de redução de estresse.

**Saúde financeira**  
entendida por nós como elemento fundamental para uma vida saudável, oferecemos educação financeira e acesso a crédito consignado para nossos colaboradores.

**Formação e desenvolvimento**  
que envolve incentivos à educação que oferecemos aos colaboradores, com formações, imersões e programas internos de desenvolvimento.

**Vida em harmonia**  
pensado para facilitar a adaptação dos colaboradores à realidade do mundo corporativo, ao mesmo tempo em que incentiva um equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

menor disparidade de competências nas habilidades e atitudes entre homens e mulheres nessas áreas de conhecimento ao longo da vida.

E essa proposta é mais profunda do que parece. Significa mudar a maneira como a sociedade compreende o papel da mulher e, para alcançar esse objetivo, o grupo tem feito investimento em mídias de massa e audiovisuais para divulgação e sensibilização, além de promover oficinas para aumentar e multiplicar esses conhecimentos, em especial para famílias com crianças em situação de vulnerabilidade.

### BOLSAS DE ESTUDO

No decorrer do ano de 2022, foram concedidas 11.645 bolsas de estudo de educação básica, ensino superior e ensino técnico – sendo que, desse número, 7,2 mil foram direcionadas para o ensino básico.

Para ter direito à bolsa social, os alunos devem possuir perfil de renda familiar de 1,5 a 3 salários mínimos.

Esses benefícios são concedidos em dois modelos, o das bolsas integrais (100%) e as parciais (50%), atendendo à legislação prevista pelo Certificado de Entidades Beneficentes de Assistência Social (Cebas), na seguinte proporção: uma bolsa de estudo integral para cada nove alunos pagantes e uma bolsa de estudo integral para cada cinco pagantes em cada nível de atuação.

Além dessa oferta mínima, o grupo busca manter a margem na concessão de bolsas com o objetivo de garantir um adicional ao cumprimento da proporção 1/5, suprimindo a variação anual e considerando possíveis expansões da rede.



**Incentivar o aluno a olhar os problemas ao seu redor e, assim, gerar engajamento com causas sociais e sustentáveis.**

# EXECUTAR INICIATIVAS QUE POSSAM SER MENSURADAS

CEO do Grupo Marista comenta os principais pilares ESG evidenciados no relatório

Zanforlin, do Grupo Marista: é dentro da sala de aula que se constrói uma nova cultura



Divulgação

É importante e necessário levar a pauta ESG para dentro do mundo educacional, seja nas escolas, centros sociais ou nas universidades. Por outro lado, há um desafio em executar propostas que possam ser medidas, mensuradas e ter indicadores, avaliando não apenas os resultados, como também os processos e as contribuições para uma agenda socioambiental ampliada, para além da atuação local.

A fala é do CEO do Grupo Marista, Maurício Zanforlin, que defende uma atuação conectada com o meio real onde a instituição está inserida.

"Indico temáticas envolvendo tópicos de diversidade, desenvolvimento econômico e social; não podemos ver nossa atuação restrita à separação de resíduos, por exemplo", pontua o gestor. "Somos responsáveis por formar nossos alunos e estamos comprometidos a realizar ações que contribuam para a realidade por eles enfrentada, mas também para o impacto ampliado das iniciativas, tangenciando as questões da sociedade", diz.

## ESG DENTRO DA SALA DE AULA

Para Zanforlin, é fundamental que a pauta ESG ultrapasse os ambientes de liderança, para que possam chegar à vida privada da coletividade.

“É dentro das salas de aula e durante o desenvolvimento de nossas crianças e jovens que construiremos uma nova cultura, em que cada um perceba seu papel para o avanço de uma sociedade mais preocupada com esses pilares”, comenta.

O CEO reforça que os materiais preparados pela FTD Educação trazem os conceitos e práticas do ESG em relação ao cuidado de nosso planeta, a preocupação ambiental e a atenção e acolhida ao outro.

## CONCEITOS NA PRÁTICA

Nas palavras do executivo educacional, o trabalho no desenvolvimento de todo o estudo teve um cuidado para que, em uma

instituição das proporções do Grupo Marista, os esforços em ESG não se tornassem uma sigla de marketing ou de autopromoção.

“Tem de vir acompanhado de um propósito, ou seja, temos de saber aonde queremos chegar e fazê-lo de forma responsável e coerente; internamente, celebramos os resultados de nossos projetos, certos de que estamos realizando a partir de uma realidade que queremos contribuir com a mudança”, conclui.



## Mais sustentabilidade

- Na FTD Educação, eventuais impactos são mitigados e gerenciados por uma política de gestão de resíduos sólidos, por capacitações relacionadas à segregação de materiais e pelo sistema de parceria com empresas de coleta, com casos de não conformidade relatados diretamente à instituição;
- A planta do Parque Gráfico conta com uma central de resíduos, para onde são direcionados todos os rejeitos gerados no parque industrial e armazenamento transitório. Nesse local, os materiais são segregados por classe, em locais devidamente identificados e em recipientes adequados em quantidade e volume.
- A editora também atua no social, gerando impacto significativo na comunidade. Em 2022, estima-se que os projetos da área de Responsabilidade Social e Investimento Social Privado, que envolvem tanto o público interno quanto o externo em atividades de voluntariado, solidariedade e educação social, tenham alcançado no mínimo 5 milhões de pessoas, 4,5 mil famílias e 300 educadores.

# STEAM: PROBLEMAS DA VIDA REAL NA SALA DE AULA

A busca por múltiplas soluções ajuda o estudante na cognição e no socioemocional; desafios são como implementar essa abordagem em todas as escolas

"Ao compreendermos como uma abordagem que tem como pressupostos a investigação científica, na busca por soluções para problemas reais, e que aplica os conhecimentos e as

habilidades das diversas áreas envolvidas, podemos afirmar que estes pressupostos são fixos e característicos", explica Mariana Lorenzin, professora e pesquisadora do tema que engloba artes,



ciências, tecnologia, engenharia e matemática.

No entanto, a hoje coordenadora de STEAM, STEM e Ciências do Colégio Bandeirantes, em São Paulo, ressalta que não se trata de um método como uma receita pronta e que pode, inclusive, ser aplicado em diversas realidades, convertendo-se em um conceito versátil.

Quais os benefícios dessa proposta na evolução do desenvolvimento dos alunos? E pensando na realidade das mais de 178 mil escolas públicas do país, de acordo com o Censo Escolar, de que forma essas possibilidades já estão sendo viabilizadas e aplicadas nesse contexto?

## MUDANÇAS DE PROCESSOS

Colégio tradicional paulistano com quase 80 anos de história, o Bandeirantes passou a receber com maior intensidade o STEAM a partir de 2015, resultado de uma jornada de mudanças na concepção da aplicação de ciências.

“Passou de um formato tradicional, em que apresentavam um caráter de reprodução dos processos científicos com experimentos pautados em roteiros preestabelecidos, para um modelo em que essas atividades fazem parte de um sistema integrado de conhecimentos, que por sua vez está conectado com os problemas da sociedade”, explica Lorenzin.



A mudança, recorda-se, aproximou os alunos e professores do fazer ciência, de processos, erros, acertos e ajustes.

Essa mudança foi impactante para docentes, estudantes e suas famílias; e gerou, em um momento inicial, estranhamento e resistência. "Para alguns, havia a desconfiança em relação às novas práticas, o questionamento da necessidade da mudança", comenta.

Para outros, no entanto, a educadora recorda-se de que já havia a percepção sobre o alinhamento da abordagem com as necessidades de uma educação contextualizada e menos fragmentada.

## PRÁTICA, COM P MAIÚSCULO

Para o diretor de Inovação da Zoom, Adriano Lima, a essência da abordagem STEAM faz parte de uma jornada de 27 anos da empresa, especializada em soluções educacionais e princípios potencializadores da aprendizagem.

"E quando eu falo prática é com o P maiúsculo, porque em vez de conhecer os conteúdos separados, com foco na questão teórica, o aluno nesse sistema tem a oportunidade de trabalhar na construção daqueles projetos de maneiras multidisciplinar, colaborativa, colocando a mão na massa, o *hands-on*", exemplifica.

Ainda no campo da versatilidade, Lima destaca as variadas possibilidades que a proposta permite nas aplicações em sala de aula. "Se pensarmos apenas na letra 'E' do acrônimo, de Engenharia, veja

a riqueza que traz, as possibilidades infinitas para dentro de sala de aula, para o docente e o próprio aluno, com link com as demais disciplinas", ressalta.

Na sua visão, o STEAM é capaz de se fazer presente nos mais diversos públicos e, na presença de um educador preparado, ser uma ferramenta útil para o dia a dia dos alunos, cumprindo seu papel de explicar conceitos de maneira mais eficaz.

## PROFISSIONAL DO FUTURO

De acordo com o representante da Zoom, trata-se de conceitos que estão atrelados à proposta do que seria um profissional do futuro, amparado em diretrizes internacionais, debatidas no Fórum Econômico Mundial.

"Ele traz as competências essenciais para esse indivíduo e quando alia essas propostas ao desenvolvimento com o aprendizado baseado em projetos e STEAM, consegue alcançar bons resultados, pois esse que vai estar no mercado no futuro é nosso aluno do presente", reflete.

Nessa esteira estão pontos como criatividade, imaginação e inovação, que serão desenvolvidos com o pensamento crítico e a capacidade de resolução do problema apresentado. Além disso, há características como versatilidade, resiliência e a possibilidade de trabalhar com esses estudantes tanto as *hard* quanto as *soft skills*. "Trata-se de um campo muito fértil para o desenvolvimento sadio dessas habilidades", cita.



Divulgação

Lorenzin, do  
Bandeirantes:  
STEAM não é  
receita pronta

**Passar de um  
formato tradicional,  
com experimentos  
roteirizados, para um  
sistema integrado de  
conhecimentos.**



# HÁ DOCENTES FOCADOS EM MUDAR OS PROCESSOS E TRANSFORMAR A REALIDADE DOS SEUS ALUNOS



**STEAM é abordagem  
prática e focada  
na versatilidade  
e na resolução de  
problemas reais.**

Lima, da Zoom:  
trabalhador do  
futuro é nosso  
aluno do presente



Divulgação

## AUMENTO DO PODER COGNITIVO

Escolas parceiras que tiveram a aplicação de soluções baseadas na abordagem STEAM reconhecem componentes que atuam como catalisadores para bons resultados dentro da proposta didático-pedagógica.

“Estamos falando de aquisição de habilidades e competências socioemocionais e aumento do poder cognitivo dos nossos alunos – do aprender melhor”, salienta Lima, que prossegue afirmando que “as escolas também reconhecem isso no dia a dia, que criança e adolescente, a partir do momento em que têm esse contato plural, ampliam o horizonte do seu aprendizado”.

E finaliza: “para nós é um sentimento muito bom ter o STEAM como aliado nesse processo”.

Adriano Lima estará presente na **Jornada Pedagógica 2024**, promovida pela FTD Educação, e vai comandar o workshop *Abordagem STEAM – Nosso mundo de aprendizagem ativa e colaborativa*.

## O STEAM HOJE

Passados oito anos de trabalhos com esse tipo de abordagem no Colégio Bandeirantes, a pesqui-

sadora Lorenzin acredita que foi um processo amplo de transformações associado à mudança de cultura da instituição.

Atualmente, o STEAM está presente de forma integrada ao currículo de ciências da natureza, desde o 1º ano do ensino fundamental I até o 9º ano do ensino fundamental II, e como disciplina que trabalha problemas e projetos nas três séries do ensino médio.

“E vai além das paredes da sala de aula e é apresentado à comunidade escolar em eventos científicos como a Mostra de Ciências, o Festival STEAM e o Seminário Científico e apresenta a ReviSTEAM, uma publicação anual dos projetos desenvolvidos na 2ª série do ensino médio”, exemplifica.

Em sua atuação na instituição, a docente explica que as discussões, as formações de professores e técnicas, pesquisas e outras atividades relacionadas ao STEAM são contínuas desde o ano da chegada da proposta, buscando referências, novas práticas e atualização de conceitos.

## REDE PÚBLICA

Para Lorenzin, considerando que a abordagem STEAM pode ser

adaptada para diversos contextos, sua aplicação é "absolutamente possível, bem-vinda e vem acontecendo em algumas iniciativas na rede pública".

A justificativa para tal afirmação está no fato de se tratar de um sistema complexo, que necessita de equipamentos e espaço. "É possível começar com investigações a partir de situações e problemas reais que, por meio do trabalho por projetos e em equipe, buscam soluções e propostas para as perguntas", pontua.

Cita ainda a existência de escolas e de professores que valorizam a abordagem STEAM e aplicam os princípios em suas práticas, algumas vezes sem usar esse nome específico.

"Há iniciativas diversas e interdisciplinares propostas por educadores – algumas delas incentivadas por premiações de empresas privadas –, há docentes empe-

nhados em transformar o ensino para que este possa transformar a realidade dos estudantes, incentivar a pesquisa e a carreira científica", sublinha.

Para a professora do Colégio Bandeirantes, o desafio está na ampliação dessas ferramentas para que a transformação no ensino aconteça, com apoio da gestão escolar, e se concretize na escola como um todo. E que não fique apenas nas mãos de algumas pessoas que pensam dessa maneira.

Para chegar a esse objetivo, esclarece que é necessário investimento na formação de professores com vivências e produção de um currículo que contemple essa concepção e se configure em elemento de transformação do ensino de ciências. "Eu acredito, de verdade, que temos bons profissionais, atentos às mudanças e que estão fazendo a diferença na sala de aula", finaliza.



### A BNCC cita o STEAM?

**A resposta direta é não. O texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologado no final do ano de 2018 pelo Ministério da Educação (MEC), não cita a abordagem STEAM ao apresentar a concepção da área de Ciências da Natureza.**

**No entanto, a professora Mariana Lorenzin, do Colégio Bandeirantes, ressalta que "o acesso à diversidade de conhecimentos científicos ao longo da história, principais processos, práticas e procedimentos da investigação científica, a realização de escolhas e intervenções conscientes no contexto, superando a realização de experimentos preestabelecidos – esses conceitos dialogam diretamente com os pressupostos do STEAM".**

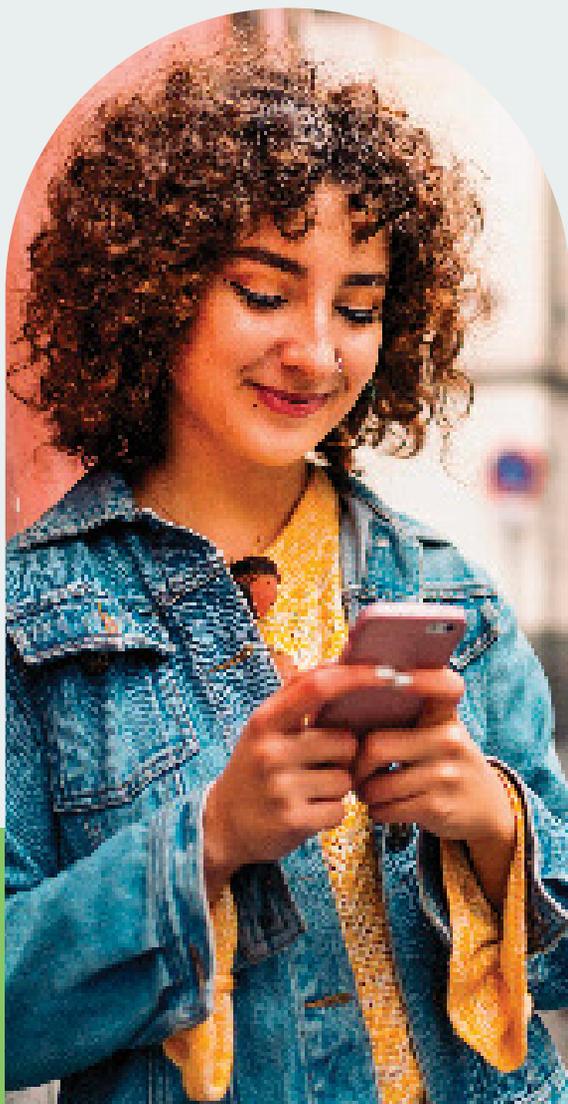
**Para a pesquisadora, esse olhar será ainda ampliado durante a análise das competências específicas para essa área do conhecimento.**

**"Enxergamos que as políticas educacionais vislumbram o ensino de ciências, que encontra e direciona as orientações no mesmo sentido da abordagem STEAM, favorecendo a sua aplicação desde que alinhada com uma formação de professores que supere a concepção tradicional desta área", afirma.**

PORTAL

# conteúdo aberto

minimalista | clean | moderno | digital



O portal  
**Conteúdo  
Aberto** está  
de cara nova!

Com identidade visual moderna, navegação superintuitiva e cheio de novidades para tornar sua experiência muito mais divertida.

**Colunistas especialistas** em Educação;

**Entrevistas especiais** com autores, educadores e filósofos;

**Bate-papo** com YouTubers, gamers e influencers digitais.

Tudo isso e muito mais! São tantas novidades, que só **acessando o novo portal para conferir.**



[conteudoaberto.ftd.com.br](https://conteudoaberto.ftd.com.br)

PORTAL  
**conteúdo  
aberto**

**FTD**  
educação

# Projetos de vida

A CADA FASE DA VIDA,  
PROJETOS QUE INSPIRAM UMA  
TRILHA DE PROTAGONISMO.



## NOVIDADE!

Avaliação Socioemocional.

**PARCERIA CAMPEÃ!**

A **FTD EDUCAÇÃO**, em parceria com o **INSTITUTO AYRTON SENNA**, atuará junto à **METODOLOGIA OPEE** ao oferecer um instrumento de avaliação socioemocional que permite o desenvolvimento dos estudantes a partir de uma metodologia **BASEADA EM AUTORRELATO**.\*



SAIBA MAIS



Aplicado em  
de **800 MIL**  
estudantes\*\*

\*Avaliação socioemocional para Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.

\*\*Fonte: Dados Instituto Ayrton Senna 2023.

Instituto  
**Ayrton  
Senna**

